



I FÓRUM CATARINENSE DAS LICENCIATURAS QUE FORMAM PROFESSORES QUE ENSINAM

M A T E M Á T I C A

ASPECTOS FORMATIVOS DE EDUCADORES MATEMÁTICOS¹

Lucas Martini, Instituto Federal Catarinense - Campus Camboriú,
lucasmartiinii@gmail.com

Resumo: Gostaria primeiramente de agradecer a oportunidade de compor uma mesa redonda no I fórum das licenciaturas que formam professores que ensinam matemática e dizer que é um prazer e um privilégio estar aqui frente a todos, podendo socializar o meu ponto de vista sobre os cursos de formação de professores que ensinam matemática na região de Santa Catarina. Lembrando que somos mais de setenta mil licenciandos matriculados no estado, onde cerca de 40% destes são voltados a formação de profissionais que ensinam matemática, incluindo tanto acadêmicos de licenciatura em matemática, quanto licenciandos em pedagogia. Um dos fatores marcantes desta realidade educacional se apresenta por meio de Carvalho e Oliveira (2014, p. 109) ao destacarem que “por todo o Brasil as universidades apresentam alto índice de evasão nos setores de licenciatura (48% não chegam a se formar, todo ano 19,6% desistem do curso)” uma das consequências deste fato emergem por meio dos dados do INEP 2017, alertam que menos de dois terços dos docentes efetivos em matemática no ensino fundamental anos finais são formados em cursos de licenciatura, ou seja, a melhoria destes cursos é necessária tanto quantitativa quanto qualitativa. Representamos uma parcela significativa de acadêmicos e vivenciamos uma realidade de desafios, conquistas e evoluções. Lembrando que do ponto de vista biológico a evolução consiste em uma mudança voltada para a adaptação do ser no meio em que vive, ou seja, a evolução não significa necessariamente uma melhoria propriamente dita, significa um movimento de readaptação, reavaliação e ressignificação, que para a educação matemática surge através de novas tendências, novos processos educacionais, novas visões curriculares para a formação inicial e continuada de professores. Tratando-se de formação inicial de professores, dentro deste princípio evolutivo, tenho muito a reconhecer a melhoria pelo qual os cursos de licenciatura estão passando, em especial aos cursos de licenciatura em matemática do qual faço parte, que

¹ Trabalho submetido ao GD V: A formação inicial dos professores que ensinam matemática e diálogos com as propostas curriculares municipais, estaduais e nacionais.



I FÓRUM CATARINENSE DAS LICENCIATURAS QUE FORMAM PROFESSORES QUE ENSINAM

M A T E M Á T I C A

apresentam sucessivas evoluções no currículo, sempre incluindo elementos que interligam a teoria com a prática educacional. A minha turma, LM17, teve o prazer de ser a primeira turma do IFC Campus Camboriú contemplada com uma nova grade curricular que contempla quatrocentas horas em práticas como componente curricular distribuídas ao longo do curso, a resolução CNE/CES n.º 15/05, enfatizam que “a prática como componente curricular é o conjunto de atividades formativas que proporcionam experiências de aplicação de conhecimentos ou de desenvolvimento de procedimentos próprios ao exercício da docência.”, e é evidente que estas práticas representam um desafio, tanto para acadêmicos dos cursos de licenciaturas, quanto para os docentes que muitas vezes não tiveram a oportunidade de uma formação centrada na *práxis*². Todo este movimento possibilita diversas reavaliações acerca da própria prática para ambos os envolvidos nestes processos, proporcionando diversos contatos com professores, escolas, sempre inserindo e familiarizando os acadêmicos com este ambiente educacional, promovendo reflexões sobre suas futuras práticas docentes e efetivando a proposta de Cunha (2013), onde destaca que o paradigma da racionalidade técnica passa a ser desconstruído a partir da compreensão do processo educacional como desenvolvido social e culturalmente. Tendo como resultante deste processo, a construção gradativa do perfil de professor reflexivo e pesquisador da sua própria prática, conforme as concepções de NÓVOA, 2001, sempre se questionando acerca das possibilidades, limitações e contextos que circunscrevem o universo escolar. O perfil de um professor que seja sensibilizado quanto às demandas de seus alunos, reconhecendo a importância do estudo dos “porquês”, utilizando a matemática como uma nova linguagem de compreensão do universo a sua volta, superando processos repetitivos que muitas vezes são incompreendidos pelos seus aprendizes, assim como sugere Fiorentini e Oliveira, 2013 é preciso que os professores de matemática compreendam os procedimentos, bem como suas justificativas. O perfil de um professor que reconheça que seus alunos são diferentes e nem por isso são superiores ou inferiores em relação a seus pares. Representamos uma parcela relativamente nova de acadêmicos, considerando que os cursos de licenciatura em matemática no Brasil ainda

² “A teoria sem a prática vira 'verbalismo', assim como a prática sem teoria, vira ativismo. No entanto, quando se une a prática com a teoria tem-se a *práxis*, a ação criadora e modificadora da realidade.” (FREIRE, 1996, p.25).



I FÓRUM CATARINENSE DAS LICENCIATURAS QUE FORMAM PROFESSORES QUE ENSINAM

M A T E M Á T I C A

não completaram o seu primeiro século³. Nesse sentido, a valorização do profissional professor é gradativa e ainda disputa em meio a conceitos empíricos exclusivamente vocacionais. Toda essa linha de pensamento acerca das especificidades formativas e perfil docente destacam a importância de atribuímos significado e a devida importância tanto para as disciplinas específicas de sua área de conhecimento, quanto às disciplinas ditas “pedagógicas”, ambas as disciplinas devem ser valorizadas à medida que proporcionam elementos importantes para o educador matemático. E é neste sentido que destaco a importância da valorização do profissional professor e de práticas que melhorem os processos formativos promovendo a interação com o ensino, pesquisa e extensão, faço parte a três anos de um projeto de extensão e percebo a importância destas oportunidades dentro de um curso de licenciatura, quando entrei em um curso superior a primeira frase de efeito que surgiu na minha trajetória acadêmica foi a frase clássica “entrar é fácil, sair formado que é difícil”. De fato, nós tendemos a desenvolver um pensamento extremamente verticalizado deste processo formativo, como uma fase de sofrimentos quando na realidade a meu ver deveria ser uma fase de realizações e de novos prazeres. É principalmente na graduação onde temos a oportunidade de termos o contato com a pesquisa e esse contato é extremamente importante do ponto de vista da formação docente, afinal, é complicado incentivarmos nossos futuros alunos a desenvolverem trabalhos para feiras, exposições, mostras, quando na realidade na nossa própria formação não obtivemos base para isso. Todo este movimento possibilita a criação de uma nova linguagem tanto matemática quanto educacional, à medida que promove a reflexão sobre a prática e a crítica mesclada a interações e reflexões teóricas, nos fornecendo elementos para aprimorá-la (D’AMBRÓSIO, 1996). Estes elementos que trago, destacam a importância da valorização de uma formação que também seja horizontalizada trazendo a reflexão como realidade destes acadêmicos, através de programas como o PIBID, projetos de extensão e componentes curriculares que induzam à reflexão geradora de evoluções, direcionadas o mais próximo possível de uma educação utópica, e tratando-se de utopia, eu trago uma citação famosa de Eduardo Galeano (2001, p.230) que nos diz o

³ “Em 2014, comemorou-se a passagem do octogésimo aniversário do primeiro curso de Matemática no Brasil, o da Universidade de São Paulo”. (GOMES, 2016).



I FÓRUM CATARINENSE DAS LICENCIATURAS QUE FORMAM PROFESSORES QUE ENSINAM

MATEMÁTICA

seguinte: “A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.”

Palavras-chave: Formação Matemática; Melhoria Educacional; Consciência Crítica.

Referências:

BRASIL. Ministério da Educação. Parecer CNE/CES n.º 15, de 2 de fevereiro de 2005.

CARVALHO, Camila; OLIVEIRA, Vitor W. N. Evasão na Licenciatura: estudo de caso. In: Revista Trilhas da História, Três Lagoas/MS, v. 3, n. 6, p. 97-112, jan./jun. 2014. Disponível em: . Acesso em: 10 set. 2019.

CUNHA, Maria Isabel. O tema da formação de professores: trajetórias e tendências do campo na pesquisa e na ação. Educ. Pesqui. [online]. 2013, vol.39, n.3.

D'AMBROSIO, Ubiratan. Educação matemática: Da teoria à prática. 6. ed. Campinas: Papirus, 1996. 121 p.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo. Ed.Paz e Terra (coleção leitura), 1996. 25p.

FIORENTINI, Dario; OLIVEIRA, Ana Teresa de Carvalho Correa de. O lugar das matemáticas na Licenciatura em Matemática: que matemáticas e que práticas formativas?. Bolema, Rio Claro, v. 27, n. 47, p. 917-938, des. 2013.

GALEANO, Eduardo. LAS PALABRAS ANDANTES. 5. ed. Buenos Aires: Catálogos, 2001.

GOMES, Maria Laura Magalhães. Os 80 Anos do Primeiro Curso de Matemática Brasileiro: sentidos possíveis de uma comemoração acerca da formação de professores no Brasil. Bolema, Rio Claro, v. 30, n. 55, p. 424-438, ago. 2016.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Sinopse Estatística da Educação Superior 2017. Brasília: INEP, 2018.

NÓVOA, Antonio. O professor pesquisador e reflexivo. 2001. Salto para o futuro. Disponível em: <<https://tvescola.org.br/tve/salto-acervo/interview?idInterview=8283>>. Acesso em: 13 set. 2001.